**Projeto CMEA / Parceria AECRQ 2026**

Você sabia que uma área degradada da Caatinga pode voltar a se regenerar com a ajuda da ciência?

Hoje, vamos acompanhar uma viagem de campo realizada pelo projeto CMEA, em parceria com a Associação Ecológica e Cultural Rachel de Queiroz, para a coleta de dados que irão contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso de Júlio, estudante de Economia Ecológica da Universidade Federal do Ceará.

Nossa atividade acontece na Fazenda Não Me Deixes, em Quixadá, no Ceará. A propriedade, que pertenceu à escritora Rachel de Queiroz, possui cerca de 928 hectares. Desse total, aproximadamente 300 hectares são destinados à preservação da Caatinga, o único bioma exclusivamente brasileiro.

Mas nem sempre a paisagem foi como vemos hoje. Ao longo dos anos, parte da área foi utilizada para monocultivos e pastagens, o que provocou impactos na vegetação nativa e no solo.

Para mudar essa realidade, em 2015 teve início um projeto de restauração ecológica coordenado pelo professor Carlos Nogueira. Diferentes espécies nativas foram introduzidas na área para estimular a recuperação da vegetação e acelerar os processos naturais de regeneração.

Agora, mais de uma década depois, pesquisadores e estudantes retornam ao local para entender os resultados desse trabalho. Durante a atividade, foram identificadas espécies características da Caatinga, como mufumbo, marmeleiro, caatingueira e jucá, importantes indicadoras da recuperação ambiental da área.

Os dados coletados irão ajudar a compreender como a vegetação responde aos esforços de restauração e quais estratégias podem ser mais eficientes para recuperar áreas degradadas no semiárido.

A atividade reuniu estudantes dos cursos de Geologia, Agronomia e Economia Ecológica da UFC, além de integrantes do projeto Meninas na Ciência.

Atualmente, o projeto segue sob a coordenação da professora Isabel, ampliando os estudos sobre a restauração ecológica da Fazenda Não Me Deixes e incorporando novas análises do solo para compreender os processos que sustentam a recuperação desse ecossistema.

Mais do que restaurar uma paisagem, iniciativas como essa ajudam a construir conhecimento científico e contribuem para a conservação da Caatinga, um patrimônio natural único do Brasil.